BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de [illegible] e Lacerda - MT
RG Nº 10268
Data 16/07/09
doação

EX. 02

ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

DEPARTAMENTO DE LETRAS

O IMPROVISO COMO LUGAR DE SIGNIFICAÇÃO NOS DISCURSOS DO PRESIDENTE LUIZ INÁCIO "LULA" DA SILVA

RONICE VIEIRA NEVES

PONTES E LACERDA-MT

2003

2003/2

Ronice Vieira Neves

O IMPROVISO COMO LUGAR DE SIGNIFICAÇÃO NOS DISCURSOS DO PRESIDENTE LUIZ INÁCIO "LULA" DA SILVA

Ensaio Monográfico apresentado ao curso de graduação em Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso __ Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Profª Kátia Chaves de Freitas

PONTES E LACERDA-MT

2003

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

_____

_____

_____

_____

_____

PONTES E LACERDA-MT, ____/_____/_____

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Iracema e José, e ao Elizeu.

AGRADECIMENTOS

Agradeço intensamente a Deus por mais esta vitória.

Aos meus pais Iracema e José por terem desempenhado papel fundamental, que é o de terem me apoiado e compreendido quando me afastei para a conclusão do curso e realização deste trabalho.

Às minhas irmãs Josiane e Roseli pelo companheirismo.

Aos meus sobrinhos Pablo, Rayssa e Helen que ainda pequenos, são grandes razões para eu prossiga em meus estudos.

Aos meus avós Tereza e Armindo pela acolhida e apoio.

Às famílias amigas: Santos e Oliveira. E à amiga Ivoneide pela acolhida em vossos lares ao longo desses dois últimos anos.

Ao meu querido noivo Elizeu o meu grande amor, pela compreensão e incentivo nas horas ausentes e de desespero, sobretudo pelo amor e carinho.

À professora Kátia pela orientação e disposição em atender-me, pelo incentivo. Por ser essa pessoa que transmite segurança a todos que a ouvem, uma mulher muito especial.

Muito obrigada!

Ronice

"(...)não transformar o discurso num jogo de significações prévias; não imaginar que o mundo nos apresenta uma face legível que teríamos de decifrar apenas; ele não é cúmplice de nosso conhecimento; não há providência pré-discursiva que o disponha a nosso favor. Deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo caso; e é nesta prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio da regularidade". (Michel Foucault)

SUMÁRIO

Resumo.....07

O improviso como de significação no discurso do presidente Luiz Inácio "Lula "

da Silva.....07

Apresentação.....08

I - Fundamentação Teórica.....09

II - Corpus de Análise.....11

III - Análise.....12

3.1 - Enunciado I.....12

3.2 - Enunciado II.....15

3.3 - Enunciado III.....16

3.4 - Enunciado IV.....18

3.5 - Enunciado V.....19

Palavras Finais.....21

Bibliografia.....22

Anexos.....23

RESUMO

O IMPROVISO COMO LUGAR DE SIGNIFICAÇÃO NO DISCURSO DO PRESIDENTE LUIZ INÁCIO "LULA" DA SILVA

Este trabalho analisa o funcionamento dos sentidos, no que concerne ao espaço do improviso, no discurso do Presidente Luiz Inácio "Lula" da Silva. Compreendemos o acontecimento discursivo do improviso a partir da presença de ditados populares e metáforas no discurso do Presidente.

Para realizarmos nossa análise selecionamos cinco enunciados proferidos pelo Presidente em diferentes situações histórico-enunciativas publicados em uma reportagem da revista Veja intitulada "Por que os discursos de Lula causam polêmica."

A análise possibilitou que compreendêssemos a constituição e o efeitos de sentidos produzidos pelo discurso de Lula, de modo que ficamos diante de dizeres "repletos" de sentidos que causam polêmica. O discurso de Lula agrada, e ao mesmo tempo expõe como o sujeito é atravessado inconscientemente pela língua e pela ideologia.

APRESENTAÇÃO

Justificar o meu trabalho significa fazer uma retomada. E nesse espaço vejo que ao longo dos anos de estudo na Universidade busquei conhecer esse campo tão vasto que é a AD (Análise de Discurso Francesa). A graduação me ensinou a ser crítica nas mais diversas situações, e de forma inconsciente e inusitada, me pego construindo leituras e reflexões sobre o discurso. E a partir do que propõe Eni Orlandi passei a ter mais "gosto" ainda pela AD.

Baseada nessa teoria me "apaixonei" pela idéia de analisar o funcionamento dos sentidos no discurso do Presidente Luis Inácio Lula da Silva, "uma pessoa comum" que passou a ser celebrada e que faz parte da história do país. Assim, as razões que me levaram a pesquisar esse tema, foram ocasionadas em decorrência da polêmica que os discursos de Lula causam quando são atravessados por ditados populares e metáforas.

Desse modo, meu objetivo é desenvolver aqui uma análise a partir de alguns enunciados proferidos pelo presidente em diversos contextos enunciativos a partir de diferentes condições de produção. Busco compreender como os sentidos funcionam no discurso do sujeito que fala a partir de diferentes lugares na história.

Como é o meu primeiro trabalho deste porte em nível de graduação não sei se conseguirei realizar uma leitura teórica consistente ao falar do discurso do presidente Lula. Digo mais, que isso nada tem a ver com minha posição política ou partidária, mas sim com minha posição enquanto analista cuja preocupação é entender como os sentidos são produzidos.

Meu trabalho divide-se em três capítulos. O primeiro capítulo consiste em apresentar a fundamentação teórica. O segundo capítulo expõe os enunciados escolhidos para o desenvolvimento da análise.

Por seu turno, no terceiro capítulo desenvolve-se a análise de cada um dos cinco enunciados escolhidos.

I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Meu trabalho fundamenta-se na Análise de Discurso da linha francesa, teoria cuja preocupação central é compreender o processo de produção de sentidos.

Eni Puccinelli Orlandi (1999) faz uma abordagem do que é a Análise de Discurso (AD) e o seu objeto de pesquisa.

Dentro da AD, a autora define a linguagem do seguinte modo: *é o homem falando.* É concebedora do discurso ou seja, o discurso se dá pela e na linguagem. É o elo que liga o homem à sociedade, e sua história está sempre impressa na mesma. De acordo com Orlandi (1999:21): *A análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.*

Tomando essa consideração vemos que em AD, a linguagem é o lugar do discurso, e esse é muito mais que um código entre, emissor e receptor. É *a palavra em movimento,* fazendo sentidos, sentidos estes que podem variar de ouvinte para ouvinte ou de falante para falante de diferentes lugares. Segundo Orlandi (1999:21): *As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores.*

Desta forma, o sujeito se define pelo discurso e este é atravessado por ideologias, pois o sujeito possui uma história que influencia o seu discurso. E o mais intrigante é que, o discurso é assim marcado de forma inconsciente. Orlandi (2002) diz que: *Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e assim que a língua faz sentido.*

Assim, o discurso está carregado de sentidos, que só acontecem porque interpretamos o tempo todo: *Os sentidos estão sempre administrados não estão soltos.* (Orlandi, 1999:10).

Portanto, o dizer acontece de forma organizada, e inevitavelmente, seu efeito é o sentido.

Conforme Orlandi, existem duas noções teóricas fundamentais para compreender a noção de sentidos, que são: formação discursiva e formação ideológica.

Na formação discursiva as palavras são fundamentais e podem variar de sentidos. Essa variação só acontece em decorrência das formações ideológicas, que levam em consideração, segundo a autora: *As condições de produção.* E a palavra, dentro de determinados contextos, assume sentidos diferentes. Orlandi (1999:43) afirma que: *As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam.*

Tomo também, como noção teórica: paráfrase e polissemia, que representam o oposto uma da outra.

A paráfrase é definida como: "o mesmo," um dizer repetido por sujeitos.

A polissemia é definida como: "o diferente," o novo. De acordo com Orlandi (1999:36): *É nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, se significam* .

Mesmo parafraseando em determinadas circunstâncias, sempre haverá um sentido diferente.

Um dizer polissêmico sempre abrirá espaço para a ambigüidade de sentidos para vários sujeitos.

Em suma o sujeito tem o discurso ideologicamente marcado e sempre se apropria de dizeres como se fosse "o fundador" desse dizer, no entanto, é assim que acontece a discursividade pela linguagem.

Através dessa breve exposição de algumas noções teóricas de AD é possível buscar sustentação para minha análise que toma como lugar de reflexão os discursos proferidos pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

II - CORPUS DE ANÁLISE

O nosso corpus de análise constitui-se de cinco enunciados proferidos pelo Presidente Luiz Inácio "Lula" da Silva em situações discursivas variadas. Tais enunciados foram retirados da Revista Veja, edição n° 1810, de 09 de julho de 2003, especificamente da reportagem: **Por que os discursos de Lula causam polêmica** assinada por Malu Gaspar e Alexandre Oltramari). Abaixo apresentaremos cada um dos enunciados para posteriormente passarmos a análise:

I- "Não tem chuva, não tem geada, não tem terremoto, não tem cara feia, não tem um Congresso Nacional, nem um Poder Judiciário. Só Deus será capaz de impedir que a gente faça este país ocupar seu lugar de destaque."

II- "A dura realidade é que todos nós temos um pouco de louco dentro de nós."

III- "Nossa responsabilidade é infinitamente maior que a de qualquer outro presidente na história deste país. Exatamente porque não sou um homem que veio de cima."

IV- "O Brasil estava quebrado e alguém vai ter de salvar este país."

V- "Eu olho para vocês e me vejo olhando para os meus filhos. Prefiro dizer uma verdade dura para o meu povo a mentir descaradamente."

III – ANÁLISE

3.1 - Enunciado I

"Não tem chuva, não tem geada, não tem terremoto, não tem cara feia, não tem um Congresso Nacional, nem um Poder Judiciário. Só Deus será capaz de impedir que a gente faça este país ocupar seu lugar de destaque".

Encontramos esse enunciado em um discurso proferido pelo Presidente Lula durante a Confederação Nacional da Indústria, em Brasília no dia 24 de junho de 2003. É interessante pontuarmos que na reportagem, este como outros enunciados que serão aqui analisados são chamados de "improvisos". Improvisos estes que às vezes aparecem configurados como ditados populares e metáforas

A elaboração dos discursos oficiais da presidência está sob a responsabilidade do secretário-geral da Presidência Luiz Dulci, o qual segundo os autores da reportagem, "está por trás de um parte daquilo que aparece nas declarações de Lula" (p. 41). Sendo assim, o que sai do protocolo passa a ser visto como criação pessoal do Presidente naquele lugar que chamaremos de espaço do improviso.

No Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa o vocábulo **improviso** recebe a seguinte significação: adj. 1. Repentino, súbito, inopinado. sm. 2. Produto intelectual inspirado na própria ocasião. * de improviso. Sem preparação; de repente. Para nós, o termo improviso não pode ficar circunscrito a uma definição literal, mas pode/deve ser compreendido de modo "diferente," isto é, a partir de uma leitura que estabeleça a possibilidade de se dar outros sentidos ao improviso, nesse caso naquele que aparece no discurso do Presidente Lula.

Em consonância com o sentido literal de improviso os autores da reportagem asseveram que em seus discursos Lula subitamente põem idéias que lhes são criação própria. Afirmar que existe uma criação pessoal do discurso significa colocar o sujeito na origem do dizer. Pêcheux (1997) entende que o sujeito não é a origem do dizer, mas para que se inaugure a discursividade é necessário que a ideologia interpele o sujeito, movimento que apaga a inscrição da língua na história para que ela signifique, produzindo o efeito da evidência do sentido e do sujeito como fonte do que diz.

Com isso queremos dizer que os enunciados "produzidos" por Lula, em nosso lugar teórico, não são vistos como "criações pessoais," mas como efeito ideológico, ou seja, o indivíduo para significar é interpelado pela ideologia em sujeito. Orlandi (2000:49) afirma que se o sujeito não se submeter à língua e à história ele não se constitui, não fala e conseqüentemente não produz sentidos.

Tomando o enunciado: "*Nem chuva, nem geada, nem terremoto, nem cara feia, nem um Congresso Nacional e um Poder Judiciário, só Deus será capaz de impedir que a gente faça este país ocupar seu lugar de destaque,*" é possível verificar que existe uma organização hierárquica na apresentação de obstáculos que poderiam atrapalhar o desenvolvimento do país. Primeiramente são apontados alguns fenômenos naturais (chuva, geada, terremoto). Num segundo momento, instâncias de poder político (o Congresso Nacional, o Poder Judiciário). Para "fechar" o enunciado é exposto Deus como **Aquele** que deliberadamente poderia impedir qualquer tentativa de alçar o Brasil a um lugar de destaque entre as nações. O sujeito, aqui, filia-se ao discurso judaico-cristão, desconsiderando forças naturais e/ou políticas para afirmar que existe um Deus (Monoteísmo). Esse Deus é Onipotente, Onisciente e Onipresente (Todo-Poderoso criador dos Céus e da Terra), sendo portanto o único (para aqueles que **NELE** crêem) que possui poder para confrontar **a gente** (lugar ocupado pelo sujeito, que ao enunciar o pronome supõe a presença de outros sujeitos ao seu redor) e assim, caso desejasse, impedir o desenvolvimento do país.

Desse modo, o sujeito propõe-se como portador de um poder quase sobrenatural, uma vez que somente Deus poderia figurar como "ameaça" aos planos da Presidência da República. O lugar ideológico ocupado por Lula garante ao analista uma série de interpretações. O Presidente possui uma interessante história de vida: nasceu no Pernambuco e em decorrência da pobreza na qual vivia a família migrou rumo ao Sudeste como retirante, ainda muito jovem. Em São Paulo tornou-se metalúrgico, e em seguida passou a figurar como sindicalista de projeção no ABC Paulista (principal pólo industrial brasileiro), militando pelo PT (Partido dos Trabalhadores do qual é um dos fundadores).

Aos poucos Lula foi ganhando projeção nacional pelo discurso de esquerda. No final da década de 1980 candidatou-se à presidência, mas foi derrotado por Fernando Collor de Melo. Candidatou-se novamente à presidência em 1994 e 1998, porém não conseguiu ganhar as eleições embora tenha ficado bem próximo do Palácio do Planalto (nessas duas eleições Lula perdeu para Fernando Henrique Cardoso, candidato pelo PSDB). Em 2002, Lula se propôs a mais uma corrida ao Poder Executivo e num pleito bastante concorrido foi eleito presidente. A história de Lula é ímpar.

Diante de todas essas considerações compreendemos que Lula fala do lugar de presidente, mas até bem pouco tempo atrás o mesmo Lula falava do lugar da esquerda, assumindo as expectativas da massa quanto ao governo. Embora os lugares ideológicos sejam diferentes, a "briga" pelo poder continua a mesma, e é somente através da "posse" do discurso que o poder será alcançado. Se antes Lula
atacava o governo na disputa pelo poder, agora Lula é o governo e do mesmo modo que questionava agora é questionado. Apesar da mudança de lugares o poder continua a ser disputado e sempre será. Em Foucault (1996:10) encontramos uma interessante passagem sobre essa questão: *"(...) o discurso (...) não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo (...),"* ou seja, os sujeitos necessitam "dominar" o discurso para significarem e conseqüentemente terem poder. Ainda em Foucault (1996:10)*: (...) a história não cessa de nos ensinar-o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar".*

Em outras palavras podemos dizer que "ao lançar mão" do improviso, Lula deixa falar (enquanto trabalho do inconsciente) vozes que o constituíram enquanto sujeito. Mesmo que o discurso jornalístico afirme ser o improviso uma criação pessoal do presidente, entendemos que não há pessoalidade na constituição do discurso, mas uma multidão de vozes que ao longo da história legitimaram certos dizeres, tornando-os passíveis de serem usados por todos. Para Orlandi (1999:49): *trabalho ideológico é um trabalho de memória e do esquecimento pois é só quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade, a impressão do sentido-lá (...).*

3.2 – Enunciado II

"A dura realidade é que todos nós temos um pouco de louco dentro de nós".

Esse enunciado foi proferido pelo presidente no lançamento da Política Nacional de Saúde Mental em Brasília no dia 28 de maio de 2003.

Neste discurso, Lula parafraseou um ditado popular, como se ele estivesse criando ali naquele momento uma expressão contextualizada com o mesmo momento. Conforme (Orlandi, 1999:32): *O dizer não é propriedade particular. As palavras não são sós nossas. Elas significam pela história e pela língua.*

De forma inconsciente, Lula chamou todos os "deficientes mentais," de "loucos." De acordo com Orlandi (1999:32) *o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele.*

3.3 - Enunciado III

" Nossa responsabilidade é infinitamente maior que a de qualquer outro presidente na história deste país. Exatamente porque não sou um homem que veio de cima".

O trecho acima foi citado pelo presidente Lula na missa dos trabalhadores em São Bernardo do Campo, no dia 1° de maio de 2003.

Analisando a superfície lingüística observamos nesse enunciado a presença de duas vozes verbais: no primeiro período o pronome **nossa** representando a 1ª pessoa do plural; no segundo o pronome **eu** representando a 1ª pessoa do singular. Diante dessas "pistas" entendemos que o sujeito deixa em seu discurso marcas lingüísticas carregadas do social, do histórico e do ideológico. Quando Lula enuncia o pronome **nossa** propõe que governa, não sozinho, mas ao lado de uma equipe. Em seguida faz uso do pronome **eu**, estabelecendo-se como responsável pelo governo como um todo. E talvez essa responsabilidade possa ser explicada, sob a existência de muita pressão Lula apresenta-se como alguém destemido, assumindo o governo de um modo nunca visto. Assim, toma para si toda a responsabilidade de governar (como se isso fosse possível) para provar a todos que "apesar" de sua origem nas camadas populares pode perfeitamente sair se bem como presidente. Até parece que a questão que se coloca é particularista, individual, mas ficamos com Lagazzi (1988) quando esta afirma que discursivamente falando, o individual e o social não podem ser vistos separadamente, considerando que a relação que o sujeito estabelece com a linguagem ocorre no interior do processo social que a constitui. Com isso,

queremos dizer que a presença de pronomes de diferentes pessoas no discurso de Lula não separa o social do individual como poderíamos imaginar, porém expõe que essas duas instâncias estão imbricadas, ou seja, uma não existe sem a outra.

Os autores da reportagem de Veja dizem que por várias vezes Lula tem dito que como governo, ao contrário dos anteriores, não tem o direito de errar, para assim não desmoralizar "a competência política" das camadas populares, extrato social de onde provém. Os jornalistas comentam que desse modo se constitui uma espécie de "mito da infalibilidade" no governo de Lula, situação por eles definida como "nódoa messiânica" que mancha os discursos da presidência.

Se Lula usa parábolas ou metáforas como forma de tornar-se mais compreensível, é provável que se diga que seu discurso possui características messiânicas, ou seja, semelhante

ao discurso de Jesus Cristo. O que a partir do discurso jornalístico é considerado como "nódoa" no discurso de um político.

A partir do discurso de Lula podemos notar o quanto sua história influencia no que ele diz, do lugar de sindicalista e/ou operário para o lugar que ocupa hoje o de presidente. Ele assume um compromisso que representa um tipo que parte do "imaginário", considerado prática social, com regras de direitos e deveres a serem seguidos, que foram infringidos por outros anteriormente.

Eni Orlandi comenta sobre esta instância da significação, o imaginário desta forma:

> O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele não "brota" do nada assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. (Orlandi, 1999:42)

O enunciado ou corpus em análise é uma representação exemplar de como o sujeito, no discurso, é ideologicamente marcado. Lula fala dessa forma porque traz consigo "os discursos que produzia antes da presidência" e de onde ele veio, conforme enfatiza: "exatamente porque não sou um homem que veio de cima." De outro modo dizendo: "um homem que veio de baixo, ou seja, do "povo". Em Lagazzi encontramos um comentário que expõe essa questão:

> O sujeito se constitui no interior de uma formação discursiva, mas a relação que ele estabelece com essa formação dominante com outras formações discursivas que aí se relação que ele estabelece entre as várias formações discursivas, é própria da história de cada sujeito e não pré-existe a esse sujeito. Cada história produz um discurso diferente. Trata-se, assim, de uma constituição mútua: o sujeito se constitui no interior de uma formação discursiva, mas ao mesmo tempo constitui uma relação própria com essa formação discursiva relação essa permeada pela história desse sujeito. (Lagazzi, 1988:25).

3.4 - Enunciado IV

"O Brasil estava quebrado e alguém vai ter de salvar este país".

Ao dizer que o Brasil estava quebrado e conseqüentemente alguém vai ter de salvá-lo, Lula leva-nos a interpretar que ele "pegou" um Brasil falido. O verbo **"estar"** aparece flexionado no pretérito imperfeito do modo indicativo, **"estava"**. A presença do verbo **estava** nos dá a idéia de que o país poderá ser reconstituído e reestruturado porque quem enuncia "tem" competência e autoridade para tal trabalho. Esse deslocamento provoca uma contradição quando é enunciada a expressão **"vai ter"** ou de outro modo, usando o verbo **ter** flexionado no futuro **"terá"**. Se o país "estava quebrado" porque alguém vai ter que salvá-lo? Esse questionamento nos leva a arriscar a leitura de que quem enuncia já tem absoluta certeza que seu governo vai promover o crescimento do país, ou seja, do lugar que fala afirma que **o Brasil estava quebrado, agora não está mais, pois "eu" estou no poder.**

Nesse discurso Lula se coloca como: "O salvador da pátria". Em conformidade com o comentarista da revista Veja, Lula se identifica com Moisés, o que caracteriza o seu discurso como um discurso antigo, sem lugar no Estado moderno e democrático.

3.5 – Enunciado V

"Eu olho para vocês e me vejo olhando para meus filhos. Prefiro dizer uma verdade dura para meu povo a mentir descaradamente".

O enunciado em análise foi proferido na Feira Nacional do Doce em Pelotas, no dia 17 de junho de 2003.

Tomando o discurso acima encontramos um tom paternalista quando Lula quer mostrar-se com a responsabilidade de um pai para com o povo, como um político diferente dos demais, e que segundo ele costumam mentir.

Na matéria de Veja em estudo, o comentarista coloca que:

> Com seus improvisos, metáforas e parábolas, seus laivos de messianismo e até de paternalismo, visíveis quando se dirige às platéias como quem fala aos filhos, Lula faz um jogo político cujo pano de fundo é complexo. (Veja,2003:43).

Considerando o estudo sobre a tipologia discursiva realizada por Orlandi (1987), encontramos três tipos de discurso: o lúdico, o polêmico e o autoritário. O discurso lúdico recebe a seguinte caracterização: *(...) o discurso lúdico é o pólo da polissemia (a multiplicidade de sentidos).* Já o discurso polêmico é visualizado a partir da consideração a seguir: *(...) e o polêmico é aquele em que melhor se observa o jogo entre o mesmo e o diferente, entre um e outro sentido, entre paráfrase e polissemia.* (Orlandi, 1987:55). Por seu turno, o discurso autoritário é entendido como aquele no qual o referente está oculto pelo dizer, não existindo interlocutores, mas um "agente exclusivo" que controla o dizer e por conseguinte os sentidos. Considerando essa classificação compreendemos que os discursos de

Lula causam polêmica, pois "fogem" das normas preestabelecidas pelo protocolo. Quando Lula fala são estabelecidos "deslizes" em um discurso que se pretendia claro, coerente, coeso, e obviamente os meios de comunicação como a imprensa escrita fazem o maior alarde dizendo que o presidente fala muito e governa pouco. Em nosso trabalho não julgamos o desempenho político/funcional de Lula, mas a sua constituição como sujeito que é atravessado pela ideologia e pela língua, significando no/e através do discurso.

No que tange à metáfora, conforme Orlandi (1999), ela é de grande importância para a AD, pois significa a "transferência" que se estabelece no modo como as palavras significam ou produzam sentidos, em princípio não há sentido sem metáfora.

No discurso de Lula acontece o que segundo (Orlandi, 1999:41-42): *é um jogo entre paráfrase e polissemia*, que *atesta o simbólico e o político.* E que: "melhor orador é aquele que consegue antecipar o maior número de jogadas, ou seja, aquele que mobiliza melhor o jogo de imagens na constituição dos sujeitos (no caso, eleitores), esperando-os onde eles estão, com as palavras que eles querem (gostariam de, deveriam etc) ouvir?

Embora em seus discursos Lula entre em contradição com o que diz (quem não entra?) entendemos através dos conceitos da AD que o sujeito acaba por dizer o que não gostaria de ter dito, porque não tem controle sobre o que diz. Com um linguajar o uma "linguagem acessível," Lula diz "exatamente" (no jogo da linguagem não há espaço para a exatidão tudo é opaco como assevera Orlandi (2002)) o que o povo, a massa "deseja ouvir".

PALAVRAS FINAIS

Pensar o discurso do Presidente Lula é um ato político. Poderíamos chamá-lo de "discurso inovador," mesmo parafraseando, não somente pelo improviso ou quebra do protocolo, mas por ser um "discurso presidencial" jamais visto na história política do Brasil. Essa "extravagância" se deve à forma inusitada de usar metáforas, parábolas e ditados populares. Por isso às vezes pode ser comparado ao discurso de Jesus Cristo.

Lula usa uma "linguagem acessível", fazendo um jogo para impressionar os ouvintes. Porém, o que ele diz causa polêmica, porque muitas vezes ele diz "exatamente" o que o povo quer ouvir, mas também diz o que jamais conscientemente gostaria de ter dito. Por isso seu dizer está ligado ao que chamamos de "não intencionalidade" ou seja, é o sentido de dizer que significa inconscientemente.

Enfim, do lugar que fala, o discurso do presidente pode ir "mudando" consideravelmente, porque o discurso do sujeito é determinado por ideologias e marcado historicamente. E quem sabe no próximo trabalho poderemos dar continuidade a esta pesquisa e de uma maneira mais profunda, pois enquanto sujeitos interpretamos o tempo todo.

BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.*3.ed. São Paulo:Edições Loyola,1996.

HOLANDA FERREIRA, A B. *Novo dicionário da língua portuguesa,* Nova Fronteira, Rio de Janeiro,1986.

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento.* Pontes, Campinas-SP, 1987.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos.* Pontes, Campinas-SP, 2002.

_____. *As formas do silêncio.* Ed. da Unicamp, Campinas-SP, 1993.

_____. *Interpretação.* Vozes, Rio de Janeiro, 1996.

PÊCHEUX, M. *Semântica do discurso.* trad. Eni Orlandi, Ed da Unicamp, Campinas-SP, 1995.

ANEXOS

PORTAGEM
SPECIAL

OS IMPROVISOS DE LULA

Por que os discursos do presidente causam polêmica

VENDA PROIBIDA

www.veja.com.br

Editora ABRIL - edição 1810
ano 36 - nº 27 - R$ 5,90
9 de julho de 2003

veja



MULHERES APAIXONADAS

A PAIXÃO PELA NOVELA DAS OITO

Amor obsessivo, violência doméstica, alcoolismo, homossexualidade: os dramas e dilemas dos personagens de Manoel Carlos fascinam o Brasil





Abril

DIS
CA



Lula, que já fez mais de 100 discursos em seis meses de governo: futebol e auto-estima

POR QUE OS DISCURSOS DE LULA USAM POLÊMICA

Ao acrescentar partes improvisadas a seus discursos, Lula acerta o coração do eleitor, mas deixa patente o descompasso entre o que diz e o que seu governo faz

Malu Gaspar e Alexandre Oltramari

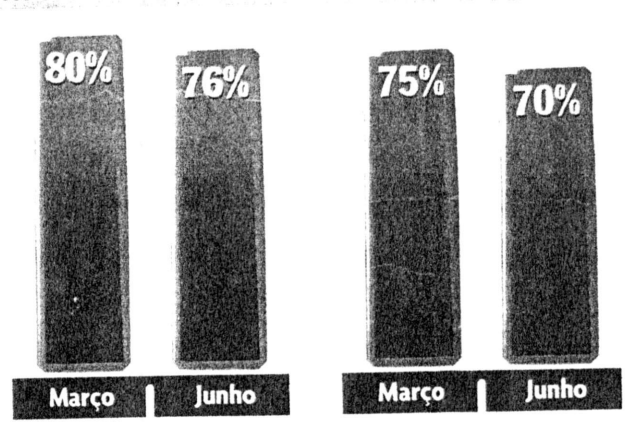
Desde que assumiu o Palácio do Planalto, Lula fez mais de 100 discursos. Ele aproveita qualquer solenidade para mandar seu recado e, com irrefreável pendor para o improviso, não raro seus discursos extrapolam o tema do momento e acabam por contemplar assuntos de interesse mais amplo, ganhando as manchetes do dia seguinte. Nos últimos tempos, Lula falou a negros, empresários, sem-terra, deficientes mentais, sindicalistas, doceiras, vereadores, juristas. Lula fala tanto, o tempo todo, que até dispensa cadeias nacionais de rádio e televisão. Até agora, convocou apenas uma. Em contraste, em seus primeiros seis meses de governo, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que não era de falar pouco, convocou cinco cadeias nacionais. Lula fala tanto porque, em política, a palavra é poder.

Encarregado de escrever os discursos oficiais do presidente, Luiz Dulci, secretário-geral da Presidência da República, ex-professor de português com conhecimentos de grego e latim, só está por trás de uma parte daquilo que aparece nas declarações de Lula. A parte mais polêmica geralmente não sai da tela de seu computador. É criação pessoal de Lula, no improviso. Político carismático, Lula envolve emocionalmente os ouvintes com sua espontaneidade e é convincente em mensagens de otimismo porque ele mesmo é um produto da autoestima e da vontade de vencer. Isso tudo é muito positivo para o exercício da Presidência, mas há um risco que já começa a ser notado no desempenho verbal de Luiz Inácio. Numa solenidade à beira do túmulo do sindicalista Chico Mendes e, depois, numa videoconferência no Banco Mundial, Lula deixou de falar sobre o papel dos brasileiros na construção do Brasil e aventurou-se a discorrer sobre a missão do homem na Terra. Numa cerimônia na Confederação Nacional da Indústria, Lula desprezou o Congresso e o Judiciário e disse que só Deus será capaz de impedir que o Brasil ocupe seu lugar de destaque no mundo. Na abertura de uma feira gaúcha, afirmou que assumiu um país quebrado e se proclamou o salvador nacional. "Quando fala, Lula se coloca entre a vontade divina e a vontade popular", diz Roberto Romano, professor de ética e filosofia política da Universidade Estadual de Campinas. "Ao dizer que alguém terá de salvar o país e esse alguém é ele, Lula se apresenta como Moisés. É um discurso antigo, sem lugar no Estado moderno e democrático."

Em diversas ocasiões, Lula tem dito que seu governo, ao contrário dos anteriores, não tem o direito de errar, sob pena de desmoralizar a competência política das camadas populares, estrato social de onde provém. Com isso, o presi-

Sinal de queda

A popularidade de Lula e a avaliação de seu governo continuam altas, mas começam a cair



Fontes: CNI/Ibope

"Não tem chuva, não tem geada, não tem terremoto, não tem cara feia, não tem um Congresso Nacional, nem um Poder Judiciário. Só Deus será capaz de impedir que a gente faça este país ocupar seu lugar de destaque."

■ *Na Confederação Nacional da Indústria, em Brasília, no dia 24 de junho, ao se colocar, equivocadamente, acima dos demais poderes da República*

"Tem jogador que pega a bola, não olha pro lado, dá uma bicuda e não marca o gol. Tem outro que olha pro lado, vê um companheiro livre, passa a bola e marca o gol. Nós não temos tempo para dar bicuda."

■ *Na Feira Nacional do Doce, em Pelotas, no dia 17 de junho, ao pedir paciência e repisar o tema de que seu governo, ao contrário dos outros, não tem direito a cometer erros*

"A dura realidade é que todos nós temos um pouco de louco dentro de nós."

■ *No lançamento da Política Nacional de Saúde Mental, em Brasília, no dia 28 de maio, ao tentar levantar a auto-estima dos deficientes mentais presentes à cerimônia, mas usando o termo politicamente incorreto "louco"*

"Nossa responsabilidade é infinitamente maior que a de qualquer outro presidente na história deste país. Exatamente porque não sou um homem que veio de cima."

■ *Na missa dos trabalhadores, em São Bernardo do Campo, no dia 1º de maio, ao voltar ao tema de que seu governo não pode falhar, sob pena de desmoralizar quem veio das camadas populares da sociedade*

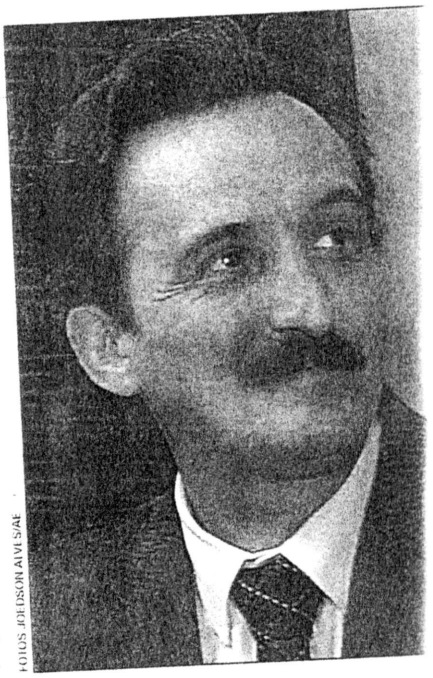
dente tangencia o mito da infalibilidade, outra nódoa messiânica que mancha seus discursos.

Na Roma antiga, para combater essa ilusão onipotente, diz a história que os guerreiros, quando voltavam de uma batalha vitoriosa, eram saudados com tal entusiasmo popular que um sacerdote era escalado para acompanhá-los nas bigas e ficar repetindo: "Lembra-te de que és mortal! Lembra-te de que és mortal!". Ao recordar esse ritual quando se referiu aos arroubos retóricos de Lula, o articulista João Mellão Neto escreveu o seguinte no jornal *O Estado de S.Paulo*: "Tratava-se de uma advertência prudente: o poder e o sucesso inebriam de tal forma que não raro levam os homens a perder o senso, se julgar infalíveis, desafiar os deuses e o destino".

Com certeza, Lula não chegou a tanto, mas seus improvisos começam a causar incômodo em função do descompasso entre o que o presidente diz e o que seu governo faz. Neste aspecto, Lula mantém um cacoete dos tempos de militância sindical. No universo das assembléias de trabalhadores, a palavra tem um valor tremendo, quase equivalente à ação. Quem fala melhor, quem arrebata a platéia, é aplaudido e tem sua proposta aprovada — e, na disputa pelo comando da massa, é isso que conta. No governo, porém, falar não é sinônimo de realizar. Falar, conquistar a platéia, é só o início. "O presidente fala demais porque governa pouco" diz o cientista político Otaciano Nogueira, ex-professor da Universidade de Brasília. "O discurso de Lula, com sua linguagem peregrina, é vago. Hegel, o filósofo, dizia que o discurso é um ato eficaz na medida em que precede a ação", completa. O descompasso entre a palavra do presidente e a ação do governo é particularmente acentuado num dos campos mais caros aos petistas — a área social.

Quase nada deslancha. O programa Fome Zero começou como um fiasco, a reforma agrária é tão lenta que os sem-terra voltaram a incendiar o país. Na semana passada, na terceira reunião com os governadores, o presidente tentou um enfoque novo na área social. Decidiu-se a unificar os programas sociais, mantidos com verbas da União, Estados e municípios, sob a coordenação geral — é claro — do todopoderoso ministro da Casa Civil, José Dirceu. A idéia é organizar a massa de beneficiados, evitando que uns sejam contemplados por vários programas sociais e outros acabem excluídos de todos, como acontece hoje. Ninguém sabe se a unificação dará certo nem se é um mecanismo mais eficiente do que o modelo atual, em que há programas diferentes dirigidos para núcleos específicos da população. Mas a iniciativa mostra que a política social do governo Lula, sobre a qual o presidente tanto fala, ainda não encontrou seu caminho. No Palácio do Planalto, ao contrário das assembléias sindicais, Lula está percebendo que governar é mais complicado.

Nas duas décadas de oposição, Lula e o PT pareciam acreditar que bastava a vontade, a disposição de fazer, para que as coisas se materializassem. Nessa toada, boa parte dos problemas nacionais seria combatida com eficácia desde que houvesse gente decente nos postos de comando e a chamada "vontade política". Agora, os petistas estão percebendo que o voluntarismo, um tanto ingênuo, não é suficiente. Os petistas assumiram a chefia da nação com algumas bandeiras sociais óbvias para quem acompanhava o discurso do PT na oposição. Acabar com a miséria



FOTOS JEFFERSON ALVES/AE

A base está bem, mas o crescimento não vem

Nos primeiros seis meses, o governo foi vitorioso ao cuidar dos fundamentos da economia, que dão claros sinais de solidez, mas os custos estão sendo penosos, com desemprego em alta, renda em queda e PIB em baixa

O QUE MELHOROU

Câmbio

De janeiro até agora, o dólar teve boa queda, caindo de quase 3,50 reais para menos de 2,90 reais

Inflação

Em janeiro, a taxa ficou em 2,33% e, no mês passado, a inflação foi negativa, -1%

Exportações

No primeiro semestre de 2002, a balança comercial teve saldo de 2,6 bilhões de dólares. Agora, o saldo é de mais de 10 bilhões de dólares

O QUE PIOROU

Desemprego

De janeiro até agora, a taxa cresceu 2 pontos porcentuais, segundo o Dieese

Renda

De maio de 2002 a maio deste ano, a renda média do brasileiro encolheu quase 150 reais, caindo de 985 para 841 reais

Crescimento

Na semana passada, o Banco Central reduziu a previsão de crescimento do PIB neste ano de 2,2% para, na melhor das hipóteses, 1,8%

era uma delas. Nada aconteceu nesse terreno. Nem mesmo o programa Fome Zero produziu os efeitos anunciados antes de sua criação. Revelou-se um fracasso até agora, quando se esperava que funcionasse como uma vitrine exuberante das realizações pragmáticas de um governo de esquerda. Melhorar a condição social dos brasileiros é uma tarefa difícil e ninguém espera que esse desafio seja vencido em pouco tempo. Os petistas, no entanto, elevaram de tal forma as expectativas dos eleitores que, agora, dificuldades naturais de início de governo parecem incapacidade de agir. E Lula, com seus pronunciamentos improvisados, continua a alimentar esperanças que é incapaz de saciar, até pela limitação de recursos financeiros, para não falar da inépcia técnica de parte de sua equipe de auxiliares. Ironicamente, o que vai bem no governo do PT é a política econômica ortodoxa do ministro Antonio Palocci, da Fazenda, um petista que ficaria bem no governo tucano de Fernando Henrique Cardoso.

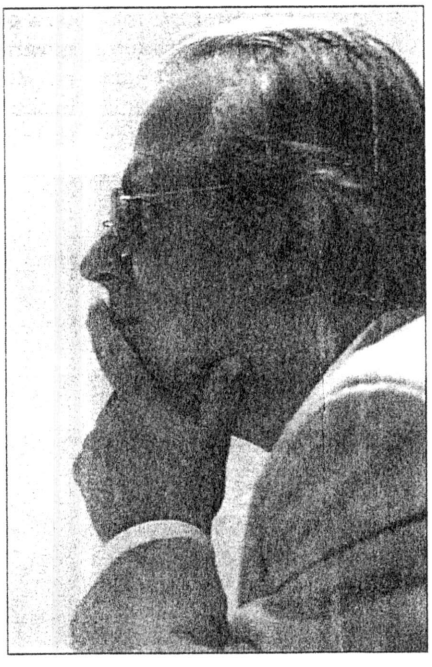
Com seus improvisos, metáforas e parábolas, seus laivos de messianismo e até de paternalismo, visíveis quando se dirige às platéias como quem fala aos filhos, Lula faz um jogo político cujo pano de fundo é complexo. No exterior, existe a percepção de que Lula pode ser uma novidade, uma alternativa entre os radicalismos de esquerda e de direita. Na imprensa internacional, o presidente brasileiro de origem operária produz um fascínio indisfarçável. É fenômeno de outra categoria, mas lembra um pouco o encantamento do intelectual francês Régis Debray por Che Guevara e a paixão do cantor Sting pelos índios ianomâmis. E replica uma década depois a atenção que o mundo deu ao presidente eleito da Polônia, Lech Walesa, líder do movimento Solidariedade, que fazia oposição ao governo socialista a partir da massa metalúrgica do porto de Gdansk. São os ricos inebriados pelos exóticos.

O exotismo de Lula é altamente positivo. Tornou-se presidente de um país de 170 milhões de habitantes, tendo iniciado a vida como retirante nordestino. É um fenômeno de ascensão inédito no Brasil e muito raro em qualquer país. Nisso está toda a carga de acertos e erros que os fascínios costumam produzir. Até agora, Lula convenceu os investidores nacionais e estrangeiros ao mostrar-se ortodoxamente competente ao lidar com os fundamentos da economia, contendo a inflação, domando o câmbio e mantendo um notável rigor fiscal — mas o custo do ajuste tem sido altamente penoso, em especial para a massa que o vê como um igual.

Os discursos não serão suficientes para rever esse quadro adverso, de desemprego recorde e renda em queda livre. No plano externo, o Brasil ainda precisa desesperadamente de capital internacional. Ainda que os investidores estejam bem impressionados, o que valorizou os títulos brasileiros e derrubou a cota-



CARLOS HUMBERTO/BG PRESS



Os ministros Luiz Dulci, que prepara os discursos, Antonio Palocci, homem forte da economia, e José Dirceu, que passará a cuidar também da área social do governo: a tróica de ouro

"O Brasil estava quebrado e alguém vai ter de salvar este país!"

Na Feira Nacional do Doce, em Pelotas, no dia 17 de junho, ao referir-se à "herança maldita" de seu antecessor e colocar a si próprio na condição de salvador nacional

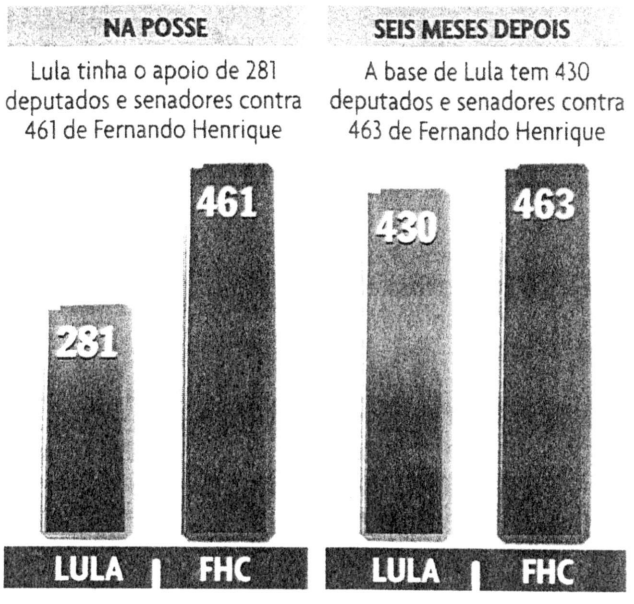
ção do dólar, os investimentos externos diretos caíram quase 60% nos primeiros cinco meses do ano em relação ao mesmo período de 2002, o que compromete o crescimento. O complicado é que, em razão disso, talvez o governo tenha de bater de novo à porta do Fundo Monetário Internacional (FMI), o que sempre irrita a esquerda do PT, já alvoroçada por outros motivos. Para amenizar tais sinais dramáticos, Lula, recorrendo ao discurso mais uma vez, prometeu, há duas semanas, que o "espetáculo do crescimento" começaria neste mês de julho. Não começou nem vai começar tão cedo. Lula talvez esteja confiando naquilo que a professora Maria Tereza Sadek, da Universidade de São Paulo, escreveu num artigo intitulado *Discurso Político: Notas para um Debate:* "A fala é um instrumento legítimo de poder, a fala é poder, a despeito de seu rigor argumentativo ou de seu compromisso com a verdade".

Um dos temas prediletos nos discursos de Lula é o poder de cada pessoa e da nação inteira de formatar seu destino individual ou coletivo. Também aplica metáforas esportivas e fala na importância da família, elementos que já estavam presentes em seus discursos como líder sindical dos anos 70. Sob esse aspecto, Lula não inventou um personagem para ser presidente. O presidente é ele mesmo, o cidadão Luiz Inácio, com sua espantosa biografia de sucesso. Com ajuda dessa biografia, de seu carisma e seu linguajar acessível, Lula tem uma sintonia fina com a maioria dos brasileiros, que o identificam como um igual. "Ele é um dos raros políticos que falam a linguagem do povo da primeira à última linha. Quando ele fala, as pessoas rezam para que ele acerte", diz o senador Pedro Simon, do PMDB gaúcho. Com isso, Lula parece às vezes convencido de que tem o direito de dizer qualquer coisa, de fazer promessas quase impossíveis de serem cumpridas. Essa imagem pública explica, em parte, por que mantém uma alta taxa de popularidade, de 76%. Será, no entanto, difícil manter esse grau enorme de aceitação popular se a expectativa em torno de seu governo for pautada pelo exagero retórico que se tem manifestado no Palácio do Planalto com uma desinibição crescente. ■

Leia notícias diárias sobre o Brasil em **www.veja.com.br**

O Congresso é a favor

O governo de Lula saiu das urnas com uma modesta base de apoio no Congresso Nacional, mas, com seis meses de governo, conquistou tantas adesões que sua base parlamentar já é quase tão robusta quanto a de FHC no começo de seu primeiro mandato



"Quem planta um feijãozinho vai ter de esperar noventa dias. Quem planta um milhozinho vai ter de esperar 150 dias. Criar um porquinho vai demorar seis meses para comer o bichinho."

Na inauguração de um terminal ferroviário, em Alto Araguaia (MT), no dia 6 de junho, ao justificar a lentidão com que seu governo está implantando a reforma agrária

"Eu olho para vocês e me vejo olhando para os meus filhos. Prefiro dizer uma verdade dura para o meu povo a mentir descaradamente."

Na Feira Nacional do Doce, em Pelotas, no dia 17 de junho, ao apresentar-se, em tom paternal, como um político diferente dos demais, que, segundo o presidente, costumam mentir



O presidente em reunião com os governadores, em Brasília: em busca do apoio às reformas